



A ATEMPORALIDADE NUM PROCESSO DE ANÁLISE

Andréa Pinheiro Bonfante

Doutora em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida – RJ; Mestre em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida – RJ; Pós-graduada em Teoria Psicanalítica e Prática Clínico-Institucional pela Universidade Veiga de Almeida – RJ; Pós-graduada em Psicopedagogia Clínico-Institucional pela Universidade Estácio de Sá – SP; Criadora e coordenadora da Sociedade de Psicanálise Andréa Pinheiro (@spsi_andreapinheiro); Autora do livro A Psicanálise e a Clínica do Autismo Infantil; Coautora das antologias Solidão ou Solitude e Machismo na Era Digital

RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão acerca do tempo da análise, não apenas ao que se refere ao tempo de duração de cada sessão, mas também sobre o intervalo entre uma sessão e outra e o tempo que o sujeito leva para falar de si e suas questões, que não se restringe ao tempo Chronos, pautado na matemática dos calendários e nos ponteiros do relógio, mas principalmente no tempo Kairós, que é o tempo subjetivo, dos intervalos, do não dito e tampouco metrificado. A Atemporalidade num processo de análise é sobre essa viagem no tempo e do tempo que o sujeito se convida a fazer e traz sua narrativa ao seu analista.

Palavras-chave: Tempo. Análise. Atemporalidade. Sujeito.

1 TEXTO INTEGRAL

Trago a vocês um fragmento de minha tese de Doutorado cujo tema é: “O Tempo da Adolescência: A Transitoriedade Como um dos Nomes da Castração. Nessa pesquisa, destacam-se algumas palavras chaves, dentre elas, adolescência, castração, tempo, transitoriedade, arte. Entretanto, nós bem sabemos que uma pesquisa, principalmente uma tese que leva 4(quatro) anos para ser desenvolvida, não se restringe apenas ao título, mas principalmente à inquietação ao qual você autor, foi levado a dedicar seu tempo e desejo pautado na hipótese dessa pesquisa, e no meu caso, a hipótese é de fazer pensar que tempo é esse.

Desta forma, durante o processo de escrita da pesquisa, esbarro em outros significantes, tais como juventude, beleza e principalmente “atemporalidade”, e o que principalmente nos interessa aqui é falarmos da atemporalidade num processo de análise, e não apenas ao que se restringe ao tempo da análise 30(trinta), 40(quarenta)ou 50(cinquenta) minutos, dentro de um consultório, pela janela virtual no atendimento on-line, na cabeceira de uma cama hospitalar ou de um paciente adoentado que você vá atender em domicílio. Estamos também e principalmente nos referindo às narrativas do analisando que não cumprem uma lógica linear, que transitam dentre passado, presente e futuro e não necessariamente nessa ordem, pois esse tempo Chronos, que é o tempo dos minutos, das horas, do calendário, ele se mistura com o tempo kairós, que é da ordem da não ordem , do subjetivo, das hiâncias, dos intervalos e da história de cada sujeito.

A prova disto foi o fragmento de um caso clínico que levei para minha tese e que pautei toda a minha pesquisa para falar deste tempo. E para que eu possa contextualizar e que vocês possam entender minha proposta de falar da atemporalidade num processo de análise, deixe-me fazer um brevíssimo resumo deste caso clínico:

Priscila, nome fictício da analisanda, chega à clínica por volta de seus 45 (quarenta e cinco) anos. Mãe de duas filhas de casamentos distintos, envolvida em seu terceiro relacionamento quando chega à análise, traz como queixa principal a sensação de ter tido sua ‘ADOLESCÊNCIA ROUBADA’. Praticamente tudo gira em torno dessa sua fala. Priscila se queixa de não ter podido viver sua adolescência na plenitude que ela desejava, pois segundo ela, havia sido primeiro roubada pelos pais severos e uma criação extremamente conservadora e depois como consequência de suas escolhas, por dois casamentos abusivos, que a tomaram seus anos dourados.

A analisanda carrega nas suas narrativas lembranças de um saudosismo intenso da infância feliz que teve e na contramão dessas doces memórias e dos momentos conturbados de sua adolescência, etapas não vividas, um sequestro de sua subjetividade, uma pergunta constante “Quem me roubou de



mim?” rondava a cena analítica em cada sessão. Adolescência, infância, vida adulta se misturavam resultando em conflitos, conflitos estes que a levaram a procurar pela análise.

Por conta dessa sensação de perda, de ter tido a adolescência roubada, Priscila vivia às voltas em tentar recuperar o “Tempo” perdido. Mas seria possível recuperar o tempo? Essa tentativa a mantinha presa em suas próprias memórias, mantendo-as presa na cena de sua infância e principalmente de sua adolescência. Durante a escrita de minha tese, uma frase do psicanalista Contardo Calligaris não me saia da cabeça: “Somos restos e rastros de nossa infância”.

O que o analisando leva enquanto narrativa e queixa daquilo que desfunciona em sua vida, é pautado numa atemporalidade, num ir e vir, num de trás para frente. Quase como numa máquina do tempo, fazemos essa viagem entre passado, presente e futuro, misturando as estações onde primavera, verão, outono e inverno se fazem presentes em um único dia, em uma única sessão.

Não há cronologia linear no discurso do analisando, pois a cronologia é temporal, enquanto o tempo da análise é atemporal, o que há é justamente essa atemporalidade que é preciso ter ouvidos para ouvir aquilo que vai nas entrelinhas, no não dito, no silêncio e na não linearidade. Se o analista busca sequência lógica de eventos para dar escuta ao seu analisando, provavelmente estará fadado a uma não escuta e provavelmente a impossibilidade de uma análise.

Por outro lado, o paciente que se prende a essa necessidade cronológica do tempo, se não atravessado por uma pontuação do analista na direção de fazê-lo perceber que a narrativa pode ser livre, que seu discurso não precisa estar alinhado com a lógica que se pressupõe a correta, ele, o analisando, muito provavelmente deixará de dizer de si. E o analisando tenta trazer essa metrificação porque justamente a sociedade e os laços sociais aos quais estamos inseridos, nos cobram essa suposta lógica do tempo e da métrica que nos leva a uma não lógica, a um non-sense, um contrassenso, um sem sentido, onde o sujeito continua repetindo na cena analítica um sintoma o qual o leva ao sofrimento psíquico daquilo ao qual é constantemente cobrado.

O tempo da análise é um outro tempo. O tempo da análise é um Inconsciente em cena., onde o analisando atua e performa na sua não lógica e sua não linearidade para tentar dizer de suas angústias, de seus incômodos. Jacques Lacan traz uma máxima ao dizer que o artista já sabe aquilo que o psicanalista supõe. Por isso, seguindo a mesma lógica de Freud, me transbordo de licenças poéticas e me permito a essa audaciosa proposta de me lambuzar de arte e trago a música de Caetano Veloso “Oração ao tempo”, diga-se de passagem, uma poesia cantada. Vejamos a letra:

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo



II CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR

Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo
Composer de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ouve bem o que eu te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo, tempo
O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Apenas contigo e comigo
Tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ainda assim acredito
Ser possível
reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo
Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo

O autor coloca o tempo como o compositor de destinos e como um dos bens imateriais mais



valiosos do mundo, justamente por ser irrecuperável e inelástico. Ele considera que sua perda pode trazer máculas expressivas e irreversíveis, mas não necessariamente depreciativas, devido à possibilidade de reinvenção. Por essa razão, sendo o “compositor do destino”, o compositor e cantor Caetano Veloso faz uma proposta,: que o tempo possa ser inventivo e nos traga brilho e movimento, estabelecendo conosco um outro tipo de vínculo, embelezado pelas surpresas do cotidiano. E não é justamente isso que a psicanálise propõe? Ressignificar.

A reflexão trazida aqui, inspirada na música de Caetano Veloso, leva-nos a considerar que coisas que envelhecem, em vez de perderem valor, agregam ainda mais significado, como o vinho, a arte, os fósseis e as civilizações. Essa ideia encontra suporte nas considerações de Freud em seu ensaio “Sobre a Transitoriedade”, que afirma que a transitoriedade do que é belo não implica uma perda de valor, mas sim um aumento. O valor, segundo Freud (1916[1915]), está justamente na escassez do tempo, pois aquilo que é limitado eleva o valor de seu desfrute.

Entretanto, percebe-se que a consciência da finitude do tempo e do belo pode comprometer o discernimento de algumas pessoas, justamente por antecipar a ideia de luto pela morte de toda beleza transitória. Isso nos faz recuar instintivamente, quase como um mecanismo de defesa — uma negação diante de algo que nos é penoso. O luto daquilo que se “perdeu”. O luto da infância, da adolescência, da beleza e da juventude pode nos colocar diante de uma sensação de perda irreparável. Somos tomados pelo desalento da fluidez daquilo que é belo e novo.

Toda essa reflexão de Freud, ricamente apresentada em seu ensaio, nasce de uma experiência que ele teve com um amigo e um poeta famoso durante uma caminhada em um dia de verão ensolarado. Embora percorressem cenários de grande formosura, não extraíam nenhuma alegria desse momento, perturbados pelo fato de que toda a beleza dos campos estava fadada ao fim com a chegada do inverno. Essa perspectiva taciturna e pouco otimista os levou a pensar que tudo o que o homem um dia amou e admirou pela beleza e esplendor estaria condenado à transitoriedade, o que, para eles, retirava seu valor.

Vemo-nos, então, diante do vazio e da angústia do luto, tomados pelo desalento da fluidez daquilo que é belo e novo. É o luto pela perda de algo que amamos – o que está referido à libido dirigida àqueles objetos que elegemos como objetos de desejo (FREUD, 1914). Apegamo-nos a esses objetos e resistimos a renunciá-los, mesmo quando outros possíveis substitutos estão ao alcance de nossas mãos. Assim é o luto. O luto pode comprometer nosso olhar, deixando-o turvo e embaçado

Fazendo uma correlação com o caso clínico resumidamente apresentado aqui, podemos pensar que Priscila estivesse enlutada, tomada pela sensação de perda de algo que, para ela, sempre foi de



grande valia: sua adolescência. A transitoriedade da vida, atrelada ao tempo de “dentes afiados”, parece ter devorado sua existência em vários aspectos — a infância que ficou para trás, marcada pela mudança da casa em que viveu desde que nasceu; a adolescência, que ela julga ter sido roubada; o tempo, que considera perdido; e a juventude, que se foi. A analisanda em questão, apresentava esse olhar enlutado assemelhando-se a negativos de fotos, nos quais só conseguimos perceber nuances, sem a clareza das imagens, sem cor e sem brilho. São imagens melancólicas, marcadas por um posicionamento taciturno, semelhante ao descrito por Freud sobre o jovem poeta e seu amigo, que caminhavam ao seu lado em um dia de verão, mas que nem mesmo a beleza do cenário conseguiu convidá-los a sorrir. Priscila só foi capaz de revelar esses negativos de fotos, digamos assim, ao longo de seu processo de análise, num vir a ser, nessa grande aposta que a psicanálise propõe de que o sujeito consiga em certa medida “traduzir” seus hieróglifos, seus enigmas, nos mais recôncavos espaços de seu inconsciente.

O psicanalista em formação, muito provavelmente se encontrará com muitas “Priscilas” em seu consultório, se queixando do tempo não vivido, da velocidade dele e até mesmo assistindo a viagem no tempo de cada história contada, ou então como analisando, se perceberá às voltas com sua própria análise, se verá como Priscila se queixando disto tudo, como se uma retrospectiva de sua vida se desenhasse diante de si durante toda a narrativa, quando ao dirigir sua fala ao analista, terá então a oportunidade de se ouvir.

Mas se há algo que a psicanálise verdadeiramente propõe é que o sujeito possa ressignificar sua história, e encerrando a escrita que me propus trazer nesse fragmento de tese, deixo como reflexão um pensamento que aprecio muito e trago aqui uma citação do livro de Mário Sérgio Cortella, “Provocações Filosóficas”. Cortella não é um psicanalista, mas um educador e pensador contemporâneo com as quais muitas de suas propostas reflexivas eu me identifico bastante. Cortella diz que: “Não nascemos prontos e vamos nos gastando, nascemos não prontos e vamos nos fazendo”. Não seria essa uma boa reflexão para pensarmos a atemporalidade num processo de análise?

Eu encerro meu convite à possíveis reflexões com essa fala de Cortella e os convido a tantas outras que essas linhas possam suscitar, lembrando que o psicanalista é sobre autorizar-se, não sobre nomear-se, e que seu próprio percurso de formação traz notícias de uma atemporalidade. E quanto ao tempo de análise de um paciente também é sobre uma atemporalidade, que se desenha a cada encontro, a cada sessão.

Deixo aqui essa inquietação com vocês, pois elas são sempre bem-vindas e por si só já falam de uma atemporalidade, pois não há como viver sem se inquietar, desde o nascimento até a morte, atravessados pelas transitoriedades da vida, que a cada estação se desenham a seu modo, tal como



II CONGRESSO INTERNACIONAL
MULTIDISCIPLINAR

propõe Freud em seu ensaio “Sobre a Transitoriedade”



REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

ALBERTI, S. *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

ALONSO, S. L. *O tempo que passa e o tempo que não passa*. Revista Cult, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://uol.com.br>. Acesso em: [s.d.].

ALVES, R. *A alma é uma borboleta...* [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://pensador.com>. Acesso em: 22 abr. 2024.

ALVES, R. *O velho que acordou menino*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2015.

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

COLUNAS TORTAS. *Sobre a transitoriedade – Sigmund Freud*. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://colunastortas.com.br>. Acesso em: 17 maio 2023.

CORTELLA, M. S. *Não nascemos prontos! Provocações filosóficas*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

COUTINHO, L. G. *Adolescência e errância: destino do laço social no contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nau; FAPERJ, 2009.

FRANK WEDEKIND. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://poetria.pt>. Acesso em: 4 abr. 2022.

FREITAS, E. A. R.; SILVA, L. C. A. *Escritas de si mesmo: os adolescentes e seus blogs*. Psicologia Clínica, v. 26, n. 2, 2024. Disponível em: <https://scielo.br>. Acesso em: 8 set. 2024.

FREUD, S. *Estudos sobre a histeria (1893-1895)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Fragmento da análise de um caso de histeria (1901-1905)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Três ensaios da teoria da sexualidade (1905)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna (1906/1908)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Sobre as teorias sexuais das crianças (1908)*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. *Romances familiares (1909 [1908])*. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.



FREUD, S. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Luto e melancolia (1917 [1915]). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Sexualidade feminina (1931). In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GADÚ, M. Oração ao tempo. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/maria-gadu/1969421/>. Acesso em: 21 out. 2022.

GARRITANO, E. J.; SADALA, G. O adolescente e a cultura do corpo na contemporaneidade. Revista Inter Ação, Goiânia, v. 34, n. 2, p. 485-512, 2009. DOI: 10.5216/ia.v34i2.8506. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/8506>. Acesso em: 15 maio 2023.

KAFKA, F. A metamorfose. 1. ed. [S.l.]: UNAMA, 2017. Disponível em: <https://www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 20 set. 2022.

KAUER, R. Outros jeitos de usar a boca. Tradução de Ana Guadalupe. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2017.

LACAN, J. Os complexos familiares (1938). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

PALAVRA SINGULAR. Oração ao tempo – Caetano Veloso. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://palavrasingular.wordpress.com>. Acesso em: 2 nov. 2022.

QUINET, A. O inconsciente teatral: psicanálise e teatro: homologias. 1. ed. Rio de Janeiro: Atos e Divãs, 2019.

ROSEMBURG, C. P. O adolescente, o tempo e o conflito. Journal of Human Growth and Development, [S.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.usp.br>. Acesso em: 13 nov. 2022.

TOTENS DO CLÃ BORBOLETA. Elemento ar. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.xamanismo.com>. Acesso em: 9 nov. 2022.